

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 11 de janeiro de 2012**

Texto de referência: O senso religioso (cap. XIV). Brasília: Universa, 2009, pp. 201-212.

- *Parsifal (Canzone dell'ideale)*
- *Mandulinata a Napule*

Glória

Carrón: Feliz ano novo para todos! E o que pode haver de melhor para começar o ano do que este capítulo de *O senso religioso*? Podemos dizer que não há outro capítulo tão vertiginoso quanto este, ou seja, que expresse tão bem o “anseio” (é a palavra que Dom Giussani usa) da razão de poder conhecer o incógnito (cf. p. 201). O mesmo anseio que acabamos de perceber neste canto napolitano, a tensão para “entrar no mistério que subjaz à aparência”. Isto é o que Ulisses e seus companheiros sentiam. Mas esta posição é uma loucura para a “sabedoria” da mentalidade comum. E então cada um de nós se encontra diante desta luta entre o humano (ou seja, o senso religioso) e o desumano (ou seja, a posição positivista). E é a luta que cada um de nós vive em cada momento no seu relacionamento com a realidade: viver as colunas de Hércules como um confim ou como um convite. Este é o drama da vida.

Colocação: *Quando eu li este capítulo experimentei uma enorme desproporção. Eu dizia para mim mesma: a natureza do meu humano é ir além, mas será que isso é mesmo verdade? Eu o lia e relia, mas esta pergunta continuava dentro de mim, e no fim eu encerrei a questão dizendo para mim mesma que eu não sou feita assim. Depois, saí de férias, e uma amiga veio me encontrar enfrentando a viagem com a neve, e ela estava toda contente; à noite, foi dormir e me mandou uma mensagem belíssima que dizia: “Mas, quem é que me quer tão bem assim, para ser acolhida desta maneira?”. E eu lhe respondi: “E eu invejo você”, explicando a ela, no dia seguinte, o motivo. Ela tinha ido além, como diz este capítulo. Depois, encontrei uma senhora que me ajuda na limpeza; ela me contava que havia ido a Veneza com a filha (que nunca havia visto o mar), e ela começou a chorar dizendo: “Mas que bonito é este mar; o que pode haver de tão imenso assim?”. E então foi outro contragolpe, porque eu disse a mim mesma: nela também (que não é cristã) o humano foi além, portanto é verdadeira esta coisa que Dom Gius nos disse, que o nosso humano é feito para ir além. Então, me dei conta de que há algo que bloqueia o meu humano no ir além. Vivi quinze dias de férias nos quais me dei conta de que, se tivesse ido além, não teriam sido um lamento ou apenas uma fadiga. Quero entender se há algo que bloqueia esta minha natureza do humano.*

Carrón: Há algo que bloqueia. De fato, mesmo quando a pessoa não acredita ser capaz de ir além – e o justifica dizendo “não sou feita assim” –, a realidade lança a questão outra vez colocando diante dela pessoas que, com uma simplicidade desconcertante, documentam e testemunham que não é bem assim, que não se pode encerrar a questão tão rapidamente assim. E a pergunta se abre: por que, em nós, sentimos este bloqueio? A nossa amiga não está dizendo algo que não tenhamos experimentado: o que ela tem a coragem de dizer diante de todos é aquilo que nós, às vezes, não temos coragem de confessar nem mesmo para nós mesmos! Então, o que nos bloqueia – nós que encontramos a Cristo – quando temos à disposição um capítulo como este, uma proposta assim? Este é o drama; não estamos falando apenas dos homens antes de Cristo, estamos falando de nós que experimentamos este drama. Por isso, é justíssima a pergunta que ela nos faz, porque nos coloca diante de uma questão que temos que enfrentar, porque é o nosso drama. Não pensemos que somos imunes ao positivismo só porque o sabemos definir! Não é suficiente para ficarmos livres dele. De fato, como vemos, não demora e nos surpreendemos na realidade, imersos até o pescoço neste positivismo, segundo o qual a realidade, em vez de ser um convite é simplesmente um limite que nos bloqueia. Deixemos a questão em aberto.

Colocação: *Este capítulo de O senso religioso é talvez o meu capítulo preferido; sempre me fascinou, até esteticamente, talvez por causa da referência inicial ao Ulisses de Dante que sempre me tocou. Neste tempo em que você nos deu a missão de lê-lo, eu o reli inúmeras vezes, e fiquei impressionada com o fato de que eu estava de acordo, com muito entusiasmo, mas não via “mudanças” em mim, e fiquei até mesmo um pouco preocupada com isso. Mais tarde, anteontem, participando de uma reunião com você, a certo ponto coloquei a você um problema sobre uma situação sobre a qual eu tinha um determinado juízo, e você me disse – quanto ao fato de eu intervir dizendo “parece-me que isto seja certo, parece-me que isto seja errado”: “Não, olha só, você tem que ir além desta pessoa e fazer esta pergunta a ela: ‘Mas, este problema é exigência de quê?’”. Eu fiquei muito tocada com esta sua observação, porque senti este capítulo XIV não mais como um discurso, mas como um movimento quanto ao viver, tanto que, depois, no dia seguinte, o reli nesta mesma onda de mudança de posição que a sua observação trouxe, e comecei a entrar nele. Pareceu-me ter entendido isto: que o meu Mediterrâneo é definir continuamente que “isto é certo e isto é errado” (no fundo, sempre me mexo assim), enquanto que é uma presença que o faz perceber outra vez, que você é Ulisses. E você não ultrapassa as colunas de Hércules do Mediterrâneo só porque você fala do Oceano, mas porque o Oceano presente o faz perceber outra vez a totalidade da sua exigência. A observação que você me sugeriu de fazer àquela pessoa é uma observação que senti como feita para mim: era Cristo presente que me fazia perceber outra vez, como você nos disse no artigo publicado no L’Osservatore Romano, no Natal, a amplitude da exigência que tenho (e que eu sempre reduzo). E assim, de repente, aquele capítulo não descrevia mais aquilo que eu deveria ser, mas aquilo que eu sou. Fiquei impressionada que ontem à tarde, falando com um amigo de quem eu gosto muito e a quem eu disse tantas vezes o que é certo fazer, me vi dizendo a ele: “Mas, este seu mover-se é exigência de quê?”, usando outra vez imediatamente, quase sem me dar conta, a mesma frase que você havia dito a mim na segunda-feira, sentindo em mim e nele este mesmo anseio que dita cada movimento nosso, tantos os certos quanto os errados. Impressionou-me também que, esta manhã, na escola – estou falando sobre o Nazismo –, dei uma aula sobre os jovens alemães da Rosa Branca, desafiando os meus alunos a partir desta exigência de totalidade; eu havia desistido disso porque eu já havia julgado que eles não entenderiam, e, pelo contrário, fiquei muito tocada com o fato de que, como você me havia tornado “Ulisses” outra vez, eu os olhava como Ulisses.*

Carrón: Qual é o nosso positivismo? Que tentamos encerrar a questão, definindo o que é certo e o que não o é. Não é esta a posição existencial que coloca a vertigem na vida, porque a lei antropológica, diz este capítulo, é permanecer suspenso a uma vontade que não conheço. E isto, escreve Dom Giussani, é a única postura razoável, racional: “a verdadeira lei moral [a que exprime melhor aquilo que somos] seria a de estarmos suspensos ao aceno deste ‘senhor’ desconhecido, atentos aos sinais de uma vontade que nos apareceria através da pura e imediata circunstância. Repito [insiste!]: o homem, a vida racional do homem deveria estar suspensa ao instante, suspensa a cada instante a este sinal aparentemente tão volúvel, tão casual, que são as circunstâncias através das quais o desconhecido ‘senhor’ me arrasta, me provoca para o seu desígnio” (pp. 204-205). Mas, depois, nós pensamos que este “senhor” seja doido! Pensamos que somos a medida daquilo que este “senhor”, se fosse tão inteligente como nós, deveria fazer! E, como nos provoca continuamente a algo que não entendemos, além, além de uma modalidade que nos parece absolutamente irrazoável, pensamos que este estar suspensos assim seja a maior loucura que possa existir. Pelo contrário, Giussani prossegue: “dizer ‘sim’ a cada instante [...], simplesmente aderindo à solicitação das ocasiões. É uma posição vertiginosa” (p. 205), esta é a verdadeira natureza do homem religioso. Mas quem pode viver assim? Talvez por alguns momentos, mas depois decaímos. Uma pessoa me escreve contando como está vivendo uma circunstância: “Parto de um fato que me aconteceu no dia 1º de setembro deste ano. Uma amiga querida, perto de se casar, e de uma inteligência e sensibilidade raras, foi atingida por uma hemorragia cerebral. Lutou entre a vida e a morte por cerca de dois meses. Este fato me dominou por causa da amizade que tenho com ela e com sua família, mas também por causa de minha profissão, já que sou médica. Passei por várias fases. Primeiro,

tentei enganar a urgência das perguntas que a imponência deste fato suscitava, me ocupando dos aspectos médicos e organizativos: coloquei a casa à disposição, acompanhei as questões médicas, etc. Eu ia à UTI e tinha dificuldade em fixar o seu olhar vazio e aquele de seus familiares, cheio de perguntas, e fugia com a desculpa de ir ver as chapas e outros exames; em suma, evitava o choque me dedicando às atividades ‘socialmente úteis’. Mas não sustentei por muito tempo esta posição, porque as coisas se precipitavam e a pergunta pelo sentido que este fato misterioso suscitava não conseguia mais se manter sufocada pela ‘distração’ da atividade de médica. E então começou um diálogo aceso com o Mistério, um diálogo sem tréguas. Aceitei, ou talvez tenha sido obrigada a me deixar ferir. A percepção da vibração do ser se tornou o tecido do meu dia como nunca antes. Experimentei também que a vida, vivida como percepção contínua e viva do Mistério, se reacende. Apaixonei-me mais pelo valor do meu trabalho, pelo destino dos meus filhos, do meu marido, dos amigos; as coisas queimavam mais, é verdade, mas assim tudo é mais intenso. Porém – começo com os ‘poréns’ –, experimentei que isto não basta. A persistência nesta posição vertiginosa, que além do mais é quase impossível de manter por muito tempo, no fim, me levava a um sentimento de rebelião contra este ser sem nome e sem rosto. Comecei a sentir uma necessidade urgente de algo que me dissesse: ‘Mulher, não chores!’, e fosse terno e convincente ao me dizer isto; comecei a sentir a necessidade de alguém que me propusesse um caminho concreto, sem tirar nada da percepção do Mistério, mas que, ao mesmo tempo, me fizesse saborear a beleza do Seu ter se dobrado sobre as nossas vidas. No momento em que eu o desejava, talvez antes, aconteceu [teve algumas pessoas que a acompanharam nesta situação]. Se não tivesse havido alguém que se dobrasse sobre mim me dizendo ‘mulher, não chores’, sinceramente, eu não teria nem ligado para a percepção vivíssima de um Mistério sem rosto. Estes fatos não tiraram de mim o sentido do Mistério, que, na minha amiga martirizada no corpo e na mente, permanece mais vivo do que nunca. Quando estive na Jornada de Início de Ano, na qual, por duas horas consecutivas, você falou da vibração do ser, eu ouvi o seu chamado de atenção como sem significado, parecia-me que, em última instância, era triste e sem alento. Diante da vida tão dramática eu pensei: mas, por que é que Carrón continua falando apenas deste relacionamento do indivíduo com o Mistério e não nos introduz, mesmo que tangencialmente, à hipótese de resposta? Que sentido tem este método? Parece que o vértice de tudo seja descobrir o relacionamento com Alguém sem rosto que faz a realidade. Mas isto não basta para mim, assim como não basta para os meus pacientes e para os amigos que sofrem, seríamos apenas desesperados; se este Deus sem rosto que faz todas as coisas não tivesse vindo à Terra, fazendo-Se companheiro e atravessando a dor, como a dor da minha amiga ou como a minha, a realidade não teria sentido e não poderia, de maneira alguma, ser positiva. Sei que estou exagerando e que, no dia 26 de janeiro, você não disse isto, mas sinceramente me parece que a insistência sobre estes aspectos tenha aberto uma brecha para certos desvios não razoáveis como – se poderia dizer assim – se houvesse uma contraposição entre Cristo e a razão. A realidade pode ser muito bonita, mas também dramática e dolorosa se eu não for vencida pelo cinismo excessivo, e se eu conseguir conservar uma posição pura (coisa, por si mesma, muito difícil se ficamos sozinhos), no máximo chegaria à percepção da existência de Alguém sem rosto que faz esta realidade, mas, depois, acabaria caindo mil vezes não conseguindo sustentar esta vertigem e, no fim, frustrada e desiludida como todos. Então, continuar criando esta contraposição entre a percepção do Mistério, a inexorável positividade do real, e a necessidade inegável da Revelação é absurdo. E, no entanto, nossa comunidade está se dividindo sobre esta dicotomia inútil. Parece-me que nos tenha sido proposto como modelo um relacionamento protestante com um Deus sem rosto que, no fim, assume os contornos daquilo que me é mais cômodo ou, pior, de uma projeção doentia do meu pensamento”. Cada um de nós pode julgar se esta foi a proposta do dia 26 de janeiro... Porque, no dia 26 de janeiro, se eu parti de alguma coisa foi exatamente do contrário: do encontro cristão, do fato de Cristo como experiência real. Giussani sempre disse que o nosso ponto de partida não é o senso religioso natural, mas o anúncio cristão; e se vê que o anúncio cristão penetrou num homem pelo fato que desperta as suas exigências originais. O ponto de partida foi este, e toda a evolução da palestra foi esta. No quarto ponto, que é o que me interessa agora, para vinculá-lo ao capítulo de

hoje, dizíamos: “Somente um cristianismo que conserve a sua natureza original, o seus traços inconfundíveis de presença histórica contemporânea – a contemporaneidade de Cristo –, pode estar à altura da real necessidade do homem, e, por isso, é capaz de salvar o senso religioso”, ou seja, a possibilidade de entrar em toda circunstância por mais vertiginosa que seja. E acrescentamos: “‘Cristo me atrai todo a Si, tão belo é!’ [...] É esta beleza, como esplendor da verdade, a única coisa capaz de despertar o desejo do homem e de mover tão potentemente a afeição a ponto de tornar possível, continuamente, a abertura da sua razão para a realidade que tem diante de si [...]. A contemporaneidade de Cristo permite à razão, desta maneira, toda a sua abertura, permitindo-lhe alcançar uma inteligência da realidade antes desconhecida: tudo, toda circunstância, mesmo a mais banal, é exaltada, se torna sinal, ‘fala’, é interessante de ser vivida. O homem, assim despertado e sustentado pela presença de Cristo, pode finalmente viver como homem religioso [tanto é verdade que intitulamos esta última passagem de *Cristo salva o senso religioso*: por isso, continuar contrapondo as duas coisas é contra aquilo que eu disse!], sustentar a vertigem da vida, circunstância após circunstância [qualquer circunstância]”. E mais à frente eu dizia: “A contemporaneidade de Cristo se revela assim indispensável para viver plenamente o senso religioso, ou seja, para ter a postura correta diante do real”, para viver esta vertigem que nem mesmo depois da Encarnação nos é poupada, como descreve a carta que acabei de ler para vocês. Sem o reconhecimento da contemporaneidade de Cristo, o que enfraquece é este ímpeto do senso religioso. Por que Dom Giussani insiste sobre o uso da razão? Por que o Papa insiste sobre o uso da razão? Eles também são protestantes? Parece-me demais! De fato, neste ponto volta à tona aquilo que, com sinceridade, a amiga da primeira colocação desta noite disse: a pessoa pode estar diante do real depois de Cristo sem que se desperte a dramaticidade diante do real. Dom Giussani o explicava assim numa conferência, em 1985: “Nós cristãos, no clima moderno, fomos separados não das fórmulas cristãs, diretamente, não dos ritos cristãos, diretamente, não das leis do decálogo cristão, diretamente. Fomos separados do fundamento humano, do senso religioso. Temos uma fé que não é mais religiosidade. Temos uma fé que não responde mais como deveria ao sentimento religioso; isto é, temos uma fé não consciente, uma fé não mais inteligente de si”. Quando diz isto, Dom Giussani está falando de algo que todos podemos reconhecer na nossa vida, ou não? Depois de Cristo, podemos ser achatados, podemos saber as fórmulas cristãs e não ter o senso do Mistério. É evidente que, sem que se desperte em nós, constantemente, este fundamento humano, a realidade não nos fala. Se somos facilitados por uma testemunha, então a realidade começa a nos falar, como diz esta carta: “Ao final da última Escola de Comunidade, ao voltar para casa, cumprimentando minha mulher, eu lhe disse que depois daquilo que eu havia escutado de você e experimentado como um contragolpe por dentro, nenhuma circunstância poderia me abater. A clareza era total. Eu estava muito convencido de que não poderia haver circunstância na qual a pessoa não pudesse reconhecer a presença de Alguém que nunca me abandonará. Depois de apenas cinco dias de trabalho, abriu-se uma disputa sindical que não se sabe a quantas demissões levará. Eu, mesmo sendo há anos representante sindical, e já tendo vivido circunstâncias como aquelas, nesta ocasião fiquei completamente paralisado. Vivi o período natalício com um vazio indescritível. Na vigília do Ano Novo minha mulher, justamente, me pressiona e diz: ‘Mas, o que está acontecendo com você? Não era você que, até alguns dias atrás, dizia que não existia circunstância que poderiam lhe abater?’”. Não consegui responder. A partir da circunstância do trabalho, comecei a sentir um vazio dentro de mim que não conseguia preencher com os discursos, com a força de vontade ou pensando na minha família, nem mesmo no meu neto ou então na responsabilidade que tenho no Movimento. Acho que pela primeira vez não dei o passo atrás, arquivando tudo; fui para frente até o fundo, partindo exatamente daquele vazio imenso, daquela falta; não devia fugir. E foi ali, da falta que ninguém conseguia preencher, que recomecei a advertir o Seu abraço, até o ponto de enfrentar a própria disputa sindical com inesperada letícia. Não sei se estou errado – procuro, quanto a isto, uma correção sua –, mas sem o percurso sobre a razão, que há tanto tempo você nos leva a fazer, no fim, sem muito alarde, eu teria anulado o ocorrido sem ser provocado. Pelo contrário, exatamente aprofundando, sem censurar nada daquele sulco que pouco a pouco estava se tornando um abismo,

e que me fazia ficar muito mal, voltei a respirar, sentindo outra vez a ternura de Deus por mim: não se scandaliza da minha fraqueza, vai além. Ainda bem que é assim”. Se nós, diante das circunstâncias que não nos são poupadas depois do encontro feito, não podemos enfrentar a realidade assim, aos poucos Cristo não Se demonstra tão vencedor a ponto de gerar uma criatura nova, ou seja, um sujeito diverso que nos permita entrar no real. E, no fim, viver o conteúdo deste capítulo XIV é absolutamente impossível. Mas, não o podemos viver sozinhos, precisamos constantemente ser gerados, é preciso constantemente a contemporaneidade de Cristo para poder entrar em qualquer circunstância com uma tranquilidade profunda e uma capacidade de alegria, que é o que nos testemunhou o próprio Cristo, visto que Ele não se retirou do real, não entrou no real como diz este outro amigo (leio e, depois, responderei): “Há várias semanas que eu vivo com um cansaço grande. Estou a ponto de perder o trabalho, não sei ainda se vai ser daqui a algumas semanas ou daqui a alguns meses, mas é certo. Este fato inesperado e injusto me jogou no desconforto e no pânico. Afundei nestas circunstâncias. Nestes meses, rezei, pedi, segui. Neste instante, enquanto decido escrever-lhe, estou pedindo para reconhecê-Lo. Em muitos instantes do dia, parece-me que Ele não responde, não tanto porque o meu problema continue sem solução, mas porque não consigo ficar dentro da circunstância sustentado pela Sua presença. É como se ficasse como uma premissa [e uma premissa não é capaz de se sustentar: se o cristianismo é a premissa, se o cristianismo é apenas uma doutrina, se o cristianismo é apenas um conjunto de regras que já sabemos, não é suficiente para entrar no real] e não uma presença dentro da minha repulsa quanto à circunstância do trabalho. Mas sem Ele eu não fico de pé, nem mesmo quando estou em companhia dos amigos ou entre os braços de minha mulher; nada basta de verdade. Não sei por que Ele permite tudo isto: ficar sem trabalho, o desconforto... Não tenho respostas, para mim é misterioso, mas gostaria de poder dizer, de modo sincero, que é para o meu bem [este é o desejo, o que uma pessoa deseja para si], poder dizer isto, poder aderir a esta circunstância, a esta modalidade absolutamente banal através da qual o Mistério está me convocando. Digo isso, mas, no fundo, frequentemente, não acredito nisto. Não consigo repetir as palavras de Padre Kolbe: ‘Não vos peço instruções de uso, vos peço para sustentar o meu caminho’. Esta manhã, depois de ter rezado mal as Laudes e feito mal a Escola de Comunidade, disse: Senhor, ensina-me a rezar, porque ‘chamado a olhar para o alto, ninguém sabe levantar o olhar’. Cristo existe, mas a dificuldade é reconhecê-Lo e ligar-me a Ele. É incrível, mas sem que Ele seja a coisa mais desejada para mim, continuo flutuante”. Este é o nosso drama, o drama de cada um de nós. Mas o que Cristo nos testemunhou? O que o homem Cristo fez diante de mim? Entrou na circunstância sem se retirar, não flutuante. Como? Sozinho? Não: através do vínculo absoluto e indestrutível com o Pai, ao qual Ele também quer nos introduzir! Jesus não fica parado na aparência, não discute no Horto das Oliveiras, nem com Pilatos, ou Herodes, ou com o Sinédrio: o Seu diálogo é com o Pai. Cristo entrou na história, e desde então não estamos mais sozinhos. Sem esta consciência, nos iludiríamos de poder viver como homens religiosos, talvez até mesmo de poder viver juntos; mas a verdadeira questão é este diálogo ao qual Cristo nos introduziu para sermos filhos no Filho, para nos ligarmos tão potently a Ele a ponto de poder viver qualquer circunstância como filhos, sem introduzir uma suspeita, uma dúvida, sobre o nosso relacionamento com o Pai. Então, isto nos diz sobre o percurso que nos resta fazer para que esta certeza no relacionamento com Cristo não faça a razão, a afeição ou a liberdade falharem, mas as faça verdadeiramente possíveis. Isto é impossível sem Cristo, mas Cristo não se reduz ao nosso dizer “Cristo”, porque depois, diante do real, vemos constantemente que não basta. Portanto, ou Cristo – como nos dissemos em todos estes meses – é algo que está acontecendo agora na comunidade cristã, e então podemos entrar em qualquer circunstância, ou então é impossível enfrentar a realidade de maneira completamente humana. Cristo torna possível viver a vida com toda a minha razão, com todo o meu humano; Ele é o único que é capaz de salvar o senso religioso, de outra forma basta que alguma coisa dê errado e entramos em *tilt*. E esta é a verificação que devemos fazer: Cristo é capaz de gerar um sujeito assim? A experiência cristão, na história, é capaz de gerar um sujeito assim, uma criatura nova? Esta é a questão. É o trabalho que nos espera.

AVISOS

Da próxima vez – que será na **quarta-feira dia 25 de janeiro**, às 21h30 –, faremos a apresentação do texto da nova Escola de Comunidade, que é o segundo volume do PerCurso, *Na origem da pretensão cristã*, de Dom Giussani.

A apresentação – oportunidade para um encontro público de CL para o qual todos deverão ser convidados – será, como no ano passado, transmitida ao vivo a partir de Milão.

Até este momento fizemos a transmissão online a cada 15 dias, como testemunho de um método para fazer a Escola de Comunidade. Depois da apresentação do dia 25 de janeiro, faremos um encontro de retomada a cada mês mais ou menos para uma verificação do trabalho feito, de maneira tal que cada um possa fazer a comparação entre o próprio trabalho (com os grupos com os quais vocês se encontram normalmente) e o que acontecerá no final de cada mês, durante a transmissão. Isto com a intenção de favorecer, como eu disse desde o princípio, um trabalho de personalização.

No número de *Passos de fevereiro* virá o **livrinho** com o texto dos **Exercícios do CLU**.

Quisemos disponibilizá-lo a todos, como ajuda para uma maior consciência do que quer dizer que a realidade é positiva, porque este tema suscitou muito debate. É uma tentativa sintética de responder a esta questão: como a realidade é positiva e como Cristo salva a razão, a desperta, e é capaz de gerar um sujeito capaz de usar a razão de maneira diferente diante do real.

Na Itália, o Banco Farmacêutico organiza, para o sábado 11 de fevereiro de 2012, a XI Jornada Nacional de coleta de medicamentos em cerca de 3.000 farmácias. Convidamos a todos que divulguem a iniciativa e participem deste gesto simples de caridade, como voluntários nas farmácias. Os medicamentos recolhidos permitirão ajudar 1200 associações italianas que dão assistência a 400 mil pessoas indigentes. Para informações e esclarecimentos, consultem o site www.bancofarmaceutico.org.

Veni Sancte Spiritus